



SUGESTÕES DE UM PLURALISTA EM TORNO DE ALGUNS DESAFIOS SOCIOBRASILEIROS

Gilberto Freyre
Sociólogo - Antropólogo.

Acabo de receber honra que muito me sensibilizou: a de substituir, numa insigne Academia de Artes e Letras de alcance nacional — a do Rio de Janeiro — o brasileiríssimo brasileiro, o intelectual múltiplo, o artista literário junto ao homem de estudo que foi Pedro Calmon. Devo tal honra a amigos que, sendo muitos, são da melhor e da mais pura qualidade. Combinação ideal de que é exemplo perfeito o Acadêmico Marcos Almir Madeira. E justiça absoluta a homenagem intelectual a Pedro Calmon. Quem maior que ele como historiador da formação brasileira? Quem mais arguto em suas interpretações da história nacional?

Nunca pleiteei graça Acadêmica, como nunca pleiteei graça oficial. O que digo para não parecer estar a agradecer uma dessas graças.

As distinções dessa espécie com que venho sendo surpreendido, no Brasil, representam aquele traço do caráter brasileiro que tanto o enobrece: o de ser generoso com artistas, e não somente com intelectuais, considerando seus serviços ao Brasil, independente de recompensas, impossíveis, para certos líderes brasileiros, de ser esquecidos e desprezados.

No meu modo de ser escritor, pensam alguns críticos que venho sendo um pouco artista, tal meu pendor para a perspectiva visual. A verdade é que, em mim, crescido brasileiro em província muito junto do mar e muito exposta ao sol, o gosto de desenhar, a vocação para pintar, desenhar, fixar, caricaturar o que via, antecipou-se a uma retardada e para Mãe e Pai, inquietante alfabetização. Cheguei aos oito anos, renitente analfabeto. Caso escandaloso, para Pai latinista dos bons e para Mãe educada por boas freiras de língua francesa, no Recife afrancesado da época. Um escândalo, um filho que se prolongasse em analfabeto e só fizesse o que alguns adultos mais convencionais consideravam desdenhosamente calungas. Garatujas. Figuras quase de gente no meio de figuras quase de árvores. Pois o pequeno analfabeto enchia cadernos e mais cadernos de desenhos, pinturas, caricaturas em torno desses assuntos. Desenhos, pinturas, caricaturas guardados pela Mãe, mesmo aflita com o aparente horror às letras do segundo filho. Infelizmente, de um assalto à casa da família, resultou o desaparecimento de tais relíquias, de possível interesse psicológico.

Num belo livro sobre a Espanha, recém-aparecido, inglês de Oxford, meu amigo, escreve sobre a relação de espanhóis com a natureza, páginas magnificamente perceptivas, algumas das quais fazendo lembrar a relação do brasileiro, mais tropical, com o mar e com o sol. O inglês de Oxford destaca, dessa relação,

que explica parte do caráter do espanhol, através do que chama, em bom inglês, "strong local and regional loyalties but only vague loyalty to the nation as a whole". O que talvez pudesse, de certo modo, dizer de sua própria Grã-Bretanha. Ou de um ser britânico que chega a ser internacional, nas perspectivas criadas, para ele, por uma nação desdobrada em Império sem que, assim internacional, deixasse de ser regional, local, artesanal e, até, caseira, em apegos sentimentais como que ecológicos.

O que parece vir acontecendo, através de outras situações características da relação entre homens e pátrias, com o brasileiro, senhor de um dos mais vastos espaços nacionais do mundo moderno, sem que lhe venham faltando, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, apegos sentimentalmente locais, regionais, particulares.

Meu amigo inglês de Oxford muito britanicamente observa, nos espanhóis, fortes características de apego a locais. Esse característico, o de relações locais nos seus sentidos de tempo. Logo e tempo. Inclusive em tratos mais objetivos de assuntos sociais.

Nota Mr. Michael Perceval que, na Espanha, se o estrangeiro pergunta ao espanhol, que horas são, as respostas são diversas, de acordo com a situação ou a formação regional do espanhol. Segundo Mr. Perceval, o basco responderá dando a hora cronometricamente correta. O catalão tenderá a adiantar a hora, apressado como é. Do andaluz, ao contrário, o pendor será para retardar a hora de acordo com seu gosto pelo tempo lento. E, segundo o observador britânico, o castelhano resolve o assunto deixando de, como os outros europeus modernos, valer-se de relógio de pulso para orientá-lo constantemente quanto ao tempo exato. Enquanto o pendor do galego seria para ignorar ostensivamente o tempo cronométrico, dizendo da hora, ao ser interrogado, que seu relógio parou.

Para o hispanófilo inglês, de quem estou a destacar reações britânicas à maneira espanhola de ser e de não ser nacionalmente uma nação total, sendo também regional, o catalão é contraditório: ao mesmo tempo de tendências industrializantes e de pendores criativamente artísticos. Basta que se recorde deles, virem dando ao mundo artistas do alto porte de Salvador Dalí, de Joan Miró, do arquiteto Antonio Gaudí e, ao mesmo tempo, influenciando, como influenciou, Picasso, de origem andaluza. O que nos leva a pensar em São Paulo, com relação a Brasis menos dinâmicos, como equivalente brasileiro do que o catalão é para a Espanha.

Para a compreensão do Brasil, não só quanto ao comportamento geral do brasileiro, mas quanto à sua específica expressão em literatura e em artes, em saberes e em ciências, é bom nos inteirarmos do que vem ocorrendo com nações-mães, nesses particulares, da nação brasileira, como é, quase tanto quanto Portugal, sob certos aspectos, mais que Portugal sob outros aspectos, a Espanha. E, em moderna expressão literária e de artes, do Brasil talvez se possa dizer que, dentro do contexto ibérico, está mais próximo da Espanha do que de Portugal. O Brasil não tem de que pedir desculpas do que nele está ocorrendo de previsivelmente grande quanto a novas e maiores afirmações de sua criatividade nestes dois setores: o artístico e o literário. Não há, no mundo de hoje, quem exceda Oscar Niemeyer na criatividade de arquiteto estético. E Guimarães Rosa, tendo

sido um pós-moderno, está atingindo sua modernidade com notável ganho para o Brasil literário. Além do que, podem ser esperados surtos notáveis de presenças brasileiras nos setores do teatro, da cinematografia e da televisão. Presenças renovadoras. Abrasileirantes. E também é uma presença, a inovadoramente brasileira, a ser esperada para breve, em soluções — para as quais o vasto espaço físico do Brasil é espaço ideal — de problemas de caráter socioantropológico como o das invasões desordenadas de espaços urbanos por gentes rurais, quando pode verificar-se, nessas soluções, uma criativa presença brasileira através de formas brasileira-mente ecológicas de rurbanização.

O Brasil é, cada vez menos, importador de renovações e de arrojos inovadores em artes e em literatura e mais expôrtador. Tem o que exportar nesses setores. Sinal de que vem se tornando crescentemente criativo e crescentemente autônomo.

Que o digam comentários, sobretudo na Alemanha, às traduções de obras brasileiras consideradas por críticos europeus dentre os mais idôneos como criativas, inovadoras, renovadoras. A Alemanha atual representa uma Europa Germânica mais sensível que as anteriores ao que tem que observar em países de culturas emergentes como a brasileira. Neste particular, talvez esteja começando a ir além da Inglaterra, da França e, sobretudo, dos Estados Unidos: país tão prejudicado, atualmente, pela mediocridade intelectual do seu pH. Deísmo, a que parece estar correspondendo um declínio, entre estadunidenses, da arte da caricatura, com seus positivos de crítica ou de análise social. Arte que, felizmente, no Brasil, continua a ser instrumento artístico de crítica social, por vezes, grandemente valiosa.

